

FRAGMENTAÇÃO EM *ONZE*, DE BERNARDO CARVALHO

Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

A partir de uma leitura histórica e estética do mundo contemporâneo, discutimos o processo de fragmentação utilizado pelo escritor brasileiro Bernardo Carvalho, no seu primeiro romance, Onze: uma história

1- Texto tecido em caos, pretexto?

Para um leitor não acostumado com a literatura contemporânea brasileira, à primeira vista, o romance *Onze*, do escritor Bernardo Carvalho assusta. Marcado por uma fragmentação excessiva e por uma multiplicidade de personagens na teia do texto, o livro parece jogar este pobre leitor num caos, numa perplexidade contínua e também num abismo de sentido.

Na parte um, que se intitula *Sítio*, as personagens jogadas numa pequena granja, nos arredores do Rio de Janeiro, num final de semana qualquer. Criaturas urbanas, elas não se adaptam ao ambiente quase rural. E assim, o “jogo de morto”, uma brincadeira de esconde-esconde um pouco sofisticada que se realiza à noite, serve para nos mostrar como aquelas pessoas, tão acostumadas com o ritmo louco das metrópoles, se comportam como seres ridículos que tentam se esconder nas sombras. Mas, além disso, o jogo é metáfora da complexidade de relações e da solidão a qual estão submetidos todos os personagens. Eles estão todos ligados num mesmo jogo, mas separados por um sentimento de solidão que comanda o indivíduo nesse fim de milênio.

“Guiado” inicialmente por Álvaro, personagem que foi convidado por um dos membros da família para passar o final de semana no sítio, o leitor nem percebe na confusão em que está entrando. É que a partir dessa parte, o texto parece ser comandado por múltiplos

narradores e também por um jogo de pontos-de-vista variados. A própria personagem Álvaro também se sente confusa ao tentar colocar ordem no caos. “Álvaro (...) tentando decifrar o que estava por trás, quem tinha sido amante de quem (...)” (pág.13). Afinal, ele é, como nós todos leitores, um visitante naquele lugar.

O leitor de Bernardo Carvalho não terá, até o final do livro, respostas prontas ou mesmo uma definição clara de personagens e enredos. Ele terá acesso a fragmentos, pequenos acontecimentos mergulhados num caos, coisas aparentemente sem sentido. Cabe a ele, leitor perspicaz, tentar ordenar os cacos e juntá-los para formar uma totalidade. E, saiba ele, que o espelho se partiu em diversos pedaços. E ainda a reunião de todos os pequenos pedaços nunca será a mesma coisa, nunca refletirá as imagens corretamente. Há sempre espaço para o imponderável, para o obscuro, para a dúvida.

A comunicação literária proposta por Carvalho, em seu primeiro romance, nos sugere um modelo centrado na entropia, numa estética movida pela falta, ausência. O leitor não encontra um tempo linear, personagens bem acabados, um enredo de fácil “digestão”. O signo literário proposto pelo escritor é lacunar, ele aposta na não-comunicação, na falta de entendimento.

Tal procedimento sugere uma fragmentação da experiência do homem contemporâneo, num processo de comunicação feito, em primeiro plano, pelos *media*, pela indústria cultural. O homem não faz parte da natureza, não está mais ligado às experiências primeiras, da natureza (sítio). Mas também o homem contemporâneo não se sente bem nas metrópoles, no caos urbano (Rio de Janeiro, Paris, Nova Iorque etc). “(...)no Rio de Janeiro já não era mais possível parar o carro em qualquer lugar e viver em paz” (pág 41). Perdido, ele busca a experiência de salvação individual, que apenas o leva, juntamente com os demais, à solidão.

2-Um grito no mundo, um grito do mundo

Quando a narrativa lançada por Bernardo Carvalho adentra no espaço urbano, mais precisamente no Rio de Janeiro, ouve-se as diversas vozes solitárias a gritar.

Nos dois capítulos dessa parte, *oaeooeoe* e *O país do dinheiro*, vêem-se os personagens com dificuldade de se expressarem, de se entenderem entre si. O caso exemplar dessa afirmativa está no garoto Bernardo, que apresenta distúrbios na aprendizagem e não consegue pronunciar palavras terminadas em *oaeooeoe*. Envolvido num projeto de “arte-educação” de um pintor holandês em crise, na Baixada Fluminense, o menino é um ícone dessa falta de comunicação. Metido numa realidade miserável e globalizada, ele não vê saída para os que nasceram no chamado Terceiro Mundo.

Por mais que se insista que as barreiras foram quebradas por um processo de integração promovido pelas exigências de uma nova fase do capitalismo, notamos que o autor enfatiza o contrário. As personagens de Bernardo Carvalho sempre têm seríssimos impedimentos para uma socialização total. Compartimentalizados em seus dramas pessoais, eles parecem levar às últimas conseqüências um certo tipo de individualismo exarcebado. Circulando numa confusão formada por fronteiras entre os países, idiomas diferentes, desníveis sociais, diferenças culturais e ideológicas os seres criados pelo romancista padecem num mundo globalizado mas ao mesmo tempo dividido em fronteiras, ideologias, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, Primeiro e Terceiro Mundo etc.

Ao mesmo tempo, o *destino* iguala as pessoas pela condição de mortais. Todos os atos individuais de cada personagem refletem seguramente nas outras pessoas. Movidas por um individualismo extremado, as perdas criaturas criadas pelo escritor carioca nem percebem que um *filho* as une num só destino, tecido pela prosa ágil e nervosa de Bernardo Carvalho. Em tempos de fraqueza das instituições em geral (Estado, partidos políticos), as pessoas se refugiam em projetos de salvação individuais. Com muita originalidade, o autor consegue captar esta crise de legitimação que tem como centro a moderna

democracia no mundo. E a fraqueza das esferas do político e do social (projetos utópicos, socialismo, social-democracia etc) faz com que o mundo seja visto a partir de uma ótica do desencantamento, da perda de magia. A morte seria e será, como veremos no desfecho do livro, um elo, uma fatalidade mórbida que une os homens. Um destino imposto pela natureza no ritmo natural das coisas e seres ou um acaso buscado inconscientemente por todos? Vivemos sob o império e agonia do individualismo...

Mas que figura representaria melhor a narrativa construída por Bernardo Carvalho? Um *labirinto* sem uma única saída? Um espelho distorcido e quebrado? Um *caleidoscópio* em que cada movimento individual de uma peça/personagem influi no desenrolar de toda estória? Ou uma *teia*, tecida inteligentemente para nos levar a uma reflexão sobre a nossa experiência fragmentada? *Jogo* complexo em que o destino seria a lei e o acaso uma variação que violaria tal lei? Ou uma *mandala* estranha e oblíqua em que cada movimento se desdobraria em vários outros e assim por diante, num movimento infinito??!

Alinhado com toda a grande literatura do mundo, Bernardo Carvalho nos mostra que a dimensão do cotidiano tem seus lances de absurdo. Seguindo os exemplos contidos nos escritos de Franz Kafka, o autor nos mostra que situações banais podem estar recheadas de experiências existenciais profundas. Assim, personagens desajustados como a fotógrafa, o correspondente internacional ou mesmo a aidéica Sandra nos remetem a situações-limite, nas quais há um doce império do individualismo contemporâneo e também seu último grau de desespero.

Com maestria, Bernardo Carvalho nos oferece apenas fragmentos de vidas em ruína. E, como “arqueólogos” leitores, tentamos em vão juntar os pedaços. A *fragmentação* no livro é uma categoria implícita, pois denuncia ao mesmo tempo a impossibilidade de se recompor as utopias perdidas ou reconquistar a visão do todo, da totalidade. Apenas ele, o autor, tem a chave desse estranho mundo. Só ele, que inventou esse perverso jogo em que a destruição é peça chave.

Uma reflexão apurada sobre o processo de fragmentação deve ser estendida não só aos personagens mas também à própria estrutura do

livro. É simples. Todos os capítulos do livro *Onze* podem ser lidos como “contos”. Cada texto tem sua autonomia mas, para ser melhor entendido, deve-se, claro, continuar a leitura linear do livro. Cada capítulo do romance de Bernardo Carvalho está profundamente entrelaçado com esse projeto de costurar essas várias individualidades/subjetividades que estão soltas por diversos países e culturas do mundo.

Ao escolher a fragmentação como estratégia para representar um mundo cada vez mais “unido” pelas novas tecnologias e desunido por falta de uma visão global de humanidade, o autor adequou a sua comunicação literária ao objeto de sua representação. Vivemos numa época em que o excesso de informações nos deixa desinformados, em que a comunicação se

tornou apenas mais uma peça para ampliação de um capitalismo selvagem e brutal. Guerras, terrorismo, crise das utopias, aids, individualismos, crise da política como instância ordenadora da sociedade, gradual fim do socialismo....etc etc Pergunto: quem conseguirá unir informações/ fragmentos tão diversos e pô-los em ordem? A arte manda seus sinais. A literatura é o termômetro dessa inquietação. Quem um dia irá escutá-la?!!

“Alguma coisa está fora da ordem/ Fora da nova ordem mundial”

3- Referências bibliográficas

CARVALHO, Bernardo- *Onze: uma história*- São Paulo: Companhia das Letras,1995